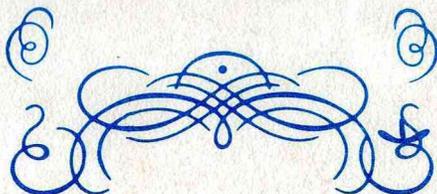


Solene Imortalidade da

Atriz e Poetisa

CLARICE PALMA

no Setor Teatral do Rio Grande do Norte



NATAL — Rio Grande do Norte

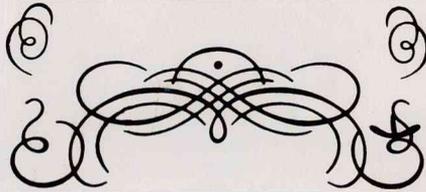
TEATRO ALBERTO MARANHÃO

**Doação de Enélio Lima Petrovich
ao Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte. 2003**

. Solene Imortalidade da

Atriz e Poetisa **CLARICE PALMA**

no Setor Teatral do Rio Grande do Norte



*Três discursos de Improviso, extraídos de
gravações, sobre a aposição de uma Placa,
nos jardins do Teatro, a 1º de Julho/81 –
Homenagem dos seus amigos.*

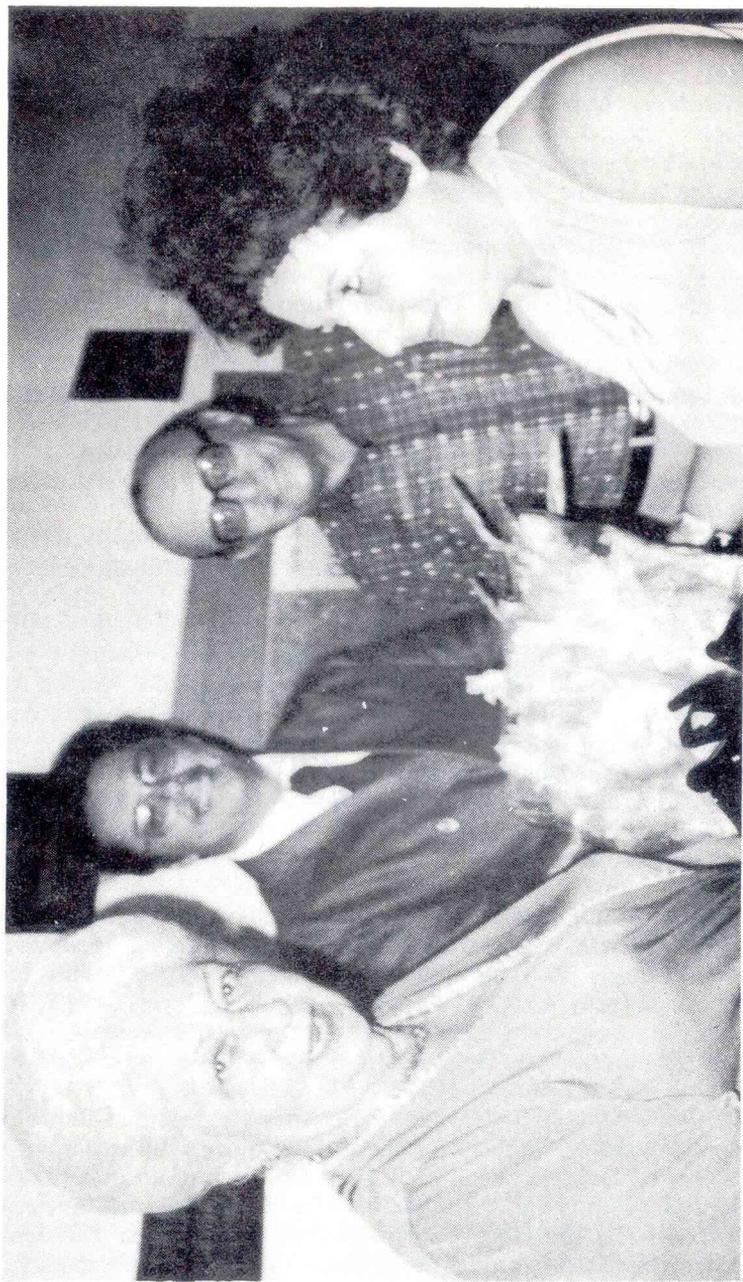
NATAL – Rio Grande do Norte

Biblioteca Enélio Lima Petrovich
Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte
Ano 2003

*Do distinto amigo
Enélio Petrovich, lembrou
de minha Hora maior
Clarice Palma
Natal, 20-09-82*



As Sras. Dária Maranhão e Elza Freire, no ato de descerramento da Placa.



A atriz-Poetisa Clarice Palma, ao lado dos Oradores, Dr. Marcos Maranhão e Teatrólogo Meira Pires, ao receber das mãos da Sra. Lêda Gomes de Carvalho, um ramalhete de flores naturais, homenagem a mais dos seus colegas do T.R.E.

Palavras iniciais do Superintendente Geral do TEATRO ALBERTO MARANHÃO, TEATRÓLOGO MEIRA PIRES:

— Solenidade em que os amigos da Atriz e Poetisa CLARICE PALMA comemoram a passagem dos seus setenta anos de idade, no último dia 12 de abril.

O Orador, em nome dos amigos da Atriz e Poetisa CLARICE PALMA, é o Dr. Marcos Maranhão, a quem, com muita satisfação, passo a palavra.

PALAVRAS DO DR. MARCOS MARANHÃO, Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, da Ordem dos Advogados do Brasil e da União Brasileira de Trovadores: Senhores Representantes do Prefeito da Capital e do General Comandante da Guarnição, Senhor Presidente do Instituto Histórico, Confrade Enélio Petrovich, Senhores Desembargadores, Juizes, Advogados, Poetas, Escritores, Artistas Teatrais, Minhas Senhoras e meus Senhores:

Saudar CLARICE PALMA nesta noite sentimental e gloriosa da comemoração dos seus setenta anos, é testemunhar o apreço e a ternura da Cidade que caminha diante de nós, com o brilho das Estrelas que viajam pelo Céu! Sim, pois a vida de Clarice sempre foi luz e calor. Luz de sua inteligência, calor de sua alma genuinamente dotada de um humanismo Cristão. Já dizia o Poeta e Trovador Luíz Rabelo, que, para esta CLARICE PALMA, todas as PALMAS são poucas! Estas PALMAS, Clarice, representam o amor da Cidade ao seu trabalho, que é o admirável exemplo de uma vida dedicada à Cultura, ao Teatro, à Poesia, ao Belo, ao Sublime, ao que toca o Coração. Feliz esta Cidade, que pode ter uma Poetisa, uma Artista, como CLARICE, que tece continuamente, como uma fiandeira mágica, um tecido de sonhos, levando a vida a cantar e espargi

emoções sobre o encanto da Província, sedutoramente.

Quando, há quase 60 anos, o Gênio, a Cultura, o Talento, o Fascínio, a Visão de ALBERTO MARANHÃO, construiu este Teatro, legando-o à posteridade atônita da Cidade pequena de então, o Príncipe Mecenas teria, quem sabe, nas contemplanções de alumbramento do seu espírito, vislumbrado este Dia, em que este Teatro, que, tão justamente se enobrece em ter seu nome, sob seu frontispício, seria palco das homenagens à CLARICE PALMA, a Grande Dama do nosso Teatro, que, vestida de azul e dourado, cores do Sol e do Céu, bem perto de nós, traz as musas do Parnaso, solfeando harmonias de esperança em nossos corações. Estamos aqui abraçados pelo Rio e pelo Mar. Entre o Rio amoroso e fraterno e o Oceano largo, indômito, vibrante, unidos a nós, para dizer: — CLARICE PALMA, esta é a sua Grande Noite; CLARICE PALMA, ESTA É A SUA GRANDE HOMENAGEM; CLARICE PALMA, este é o seu Grande Diadema! Quando, certa vez, perguntaram a Napoleão Bonaparte, exilado em Santa Helena, ele, que tinha conquistado as Coroas e os Tronos da Europa, quando perguntaram a Napoleão do que tinha mais saudades no exílio, o Sucessor dos Césares, aquele Imperador da França, Protetor da Alemanha e Rei da Itália, o homem que tinha restaurado o Projeto de Carlos Magno, ungido por Pio VII em Notre Dame, respondeu: — DO QUE SINTO MAIS FALTA É DO TEATRO DE PARIS, DAS NOITES QUE EU TIVE, AO LADO DE TALMA! Esta saudade, esta paixão pelo Teatro, está nos corações de todos nós, que aplaudimos CLARICE, nos seus cinquenta e muitos anos de Teatro; menina-moça, que subiu aos palcos, sentiu a emoção das platéias, iniciando, no Rio Grande do Norte, a presença da Mulher no cenário Teatral; lutando contra as incompreensões e superando os obstáculos, com uma obstinação e dignidade inexcedíveis! Quem não sentiu dentro de si a paixão pelo Teatro? Aquela paixão que elevou Sófocles, que eternizou Eurípedes e o que fez Ésquilo nos mostrar o drama de Prometeu acorrentado, legando aos seres humanos o que há de mais puro e nobre — o Fogo do Infinito, a vontade de chegar ao Céu, caminhando pelos Astros? Shekspere mostrou os dramas da emoção e da contingência humana e ainda hoje Otelo, o mouro de Veneza, Romeu e Julieta, o Rei Lear, Ricardo III, são aulas de psicologia, cenários onde se desenrola o estudo do ego dos homens. O que foi a Côte de Rei-Sol, o que foi a Côte de Luíz XIV, senão e sobretudo a época de Corneille, a época de Racine. O que foram todos os grandes Impérios, o que foram as grandes Nações edificadas em Estado, senão a mais alta expressão política das paixões humanas, tão bem representada no Teatro? CLARICE PALMA é a continuação, a sequência, o ritmo deste

Ideal! Quando for descerrada esta Placa de bronze, que Homenageia, na perpetuidade do tempo, o trabalho, arte e vida de CLARICE PALMA, isso traduzirá o nosso reconhecimento e o nosso carinho, nesta festa magnífica, feita de luzes, de flores e de encantamento.

CLARICE elevou a alma humana, no seu talento, no seu espírito, no seu fulgor, e continua, apesar da idade, a mostrar os bandolins, os sons dos violões, a trazer os acordes que relembram as madrugadas antigas, onde Othoniel recitava "PRAEIRA" e Itajubá cantava, de saudades por Branca, a que morreu por amor! Já dizia Guimarães Rosa que os mortos não morrem — eles ficam encantados — e, neste encantamento, eu revejo hoje, aqui, tantas figuras! Eu vejo Sandoval Wanderley se aproximar, vestido de branco, alisando o cabelo, trazendo dentro de si aquela alma de cavaleiro andante, de D. Quixote, a bradar pelo Teatro, a lutar pela Cultura! Eu vejo todos os grandes vultos que amaram esta terra, que engrandeceram o Teatro e honraram este povo! Eu vejo Palmira Wanderley, a Poetisa que cantou o rio e as dunas, o coqueiral e o mar, se aproximar, feliz e radiosa, na emoção desta noite! Eu vejo meu pai, Djalma Maranhão, o grande Prefeito, que, durante dez anos, dirigiu, liderou, estimulou e encaminhou a Cidade e todos os movimentos Culturais! Eu vejo estes vultos envoltos numa auréola de Luz, chegarem até nós, neste encantamento, e unirem suas vozes às nossas vozes, saudando CLARICE PALMA, entre flores, emoções e sentimento, dizendo: — PROSSIGA, CLARICE! PROSSIGA animando as nossas noites! Continue enchendo de amor e ternura os corações! Continue a trazer até nós a Mensagem da Cidade, levada até o Infinito, na música das esferas, que trazem Fé e Esperança! Continue, CLARICE, a acreditar, apesar da descrença, e a confiar, com seus olhos de Criança! Continue, CLARICE, você que merece estas homenagens, porque carrega em suas mãos, como no dizer de Carlos Drummond de Andrade, o sentimento do Mundo!

SAUDAÇÃO DO TEATRÓLOGO MEIRA PIRES

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Consta do programa que o Superintendente desta Casa diria algumas palavras sobre o talento da Atriz e sobre o valor da Poetisa. Escuso-me, terminantemente, de falar sobre a poetisa consagrada, mas aceito a incumbência, por demais honrosa, de falar sobre a Atriz que eu conheço, que admiro e que sempre aplaudí, tendo, inclusive, a oportunidade de homenagear, ao lembrar o seu nome brilhante à sucessão de uma Cadeira na Academia Norte-Riograndense de Letras. A História desta Casa — Casa de Alberto Maranhão —, está ligada, sem nenhuma dúvida, à vida da Atriz CLARICE PALMA. Começou, muito jovem ainda, representando “NATUREZA”, de Aristófanés Trindade. Clarice Palma foi uma abnegada, uma batalhadora, uma Mulher que nasceu, realmente, para o exercício da Arte Cênica e deu o melhor de si mesmo em favor dessa vocação. Na época em que a nossa sociedade não aceitava a participação de moças de família, como se dizia antigamente, na atividade teatral, ela e Zete Wanderley tiveram a coragem de enfrentar a sociedade daquele tempo. Representaram peças que somente serviram para dignificar o Teatro amadorista Norte-riograndense. Quando eu vejo Clarice, me lembro muito do heroísmo de duas pioneiras do Teatro em nosso Estado: — Maria Epifânia e Honória Reis. Começaram como amadoras, profissionalizaram-se e aqui trabalharam, com esforço e abnegação, em honra e louvor da elevação Cênica do Rio Grande do Norte. Foram duas grandes atrizes, ao tempo do Ginásio Dramático, uma verdadeira e legítima Escola do Teatro, mantida pelo amor de Ivo

Filho, Virgílio Trindade, Francisco Palma, Amaro Andrade e tantos outros idealistas, que muito batalharam em benefício da grandeza teatral de nossa terra, numa demonstração de afeto à nobre causa da Arte de representar no Brasil. Depois, veio o Grêmio Dramático de Natal, com elementos que sucederam àqueles que já estavam ficando cansados e aproveitou os que surgiam com entusiasmo pela Arte Cênica. Assim, tivemos, ao lado de Clarice Palma, as grandes figuras de Urbano Brandão, Fernando Cardoso, Luís Siqueira, Didi Câmara, Zete Wanderley e Rui Paiva, que se iniciou nessa Sociedade, além de outros nomes que estão citados, com carinho e afetuosamente, no livro que tive a sorte de escrever, sobre esta gloriosa Casa. Clarice Palma estava no Grêmio, emprestando o fulgor de sua inteligência, de sua notável capacidade dramática àquele Grupo, que tanto dignificou o nosso Estado, com os espetáculos que teve o ensejo de levar à cena, tais como: “O BOBO DO REI”, “CARLOTA JOAQUINA”, de R. Magalhães Júnior, e que hoje podem ser indicadas como obras primas do Teatro Nacional. Clarice Palma ali estava, trabalhando, enfrentando a hostilidade da Cidade e do público que mal comparecia às nossas realizações artísticas, mas, sempre cheia de fé, sempre cheia de esperança, sempre cheia de confiança no renascimento e afirmação do Teatro, neste pedaço de terra brasileira! Logo depois, com a morte do Grêmio Dramático de Natal — lamentavelmente vivemos na terra do “já teve” —, nasce, pela abnegação de Sandoval Wanderley, grande batalhador do Teatro no Rio Grande do Norte, o Conjunto Teatral Potiguar. Mais uma vez, a Atriz Clarice Palma dizia presente e ingressava na nova entidade. O vírus do Teatro já estava impregnado no seu sangue e dele ela jamais poderia se curar! Fez um trabalho magistral, um trabalho esplêndido, em benefício do Teatro em nosso Estado. Depois, motivos particulares determinaram a saída do velho Sandoval Wanderley do Conjunto Teatral Potiguar, que se extinguiu logo a seguir. Na mesma noite em que ele deixava o Conjunto, fundava, com a capacidade extraordinária que sempre possuiu, o Teatro de Amadores de Natal, que somente deixou de atuar quando ele morreu, mas, ainda vive, por conta do esforço de meia dúzia de abnegados, com sacrifício, porém sempre lembrando o velho Patrono. Clarice Palma, então, sem forças para viver sem Teatro, funda o seu “CLUBE DOS 7”. Escreve peças. Consegue se consagrar com “CEGA!”, um dos seus mais brilhantes originais, como autora e como Atriz, propiciando ao Estado vocações artísticas legítimas e que hoje aqui se reúnem, para prestar-lhe uma homenagem sincera. Ai está o trabalho, que ninguém pode desconhecer, do Ator Jesiel Figueiredo, que preparou, com afeto,

até mesmo filial, vamos assim dizer, a Entrevista-Show que os presentes terão a oportunidade de assistir, logo mais, no palco desta Casa, onde Clarice Palma tantas vezes pisou para honrar, com o seu potencial dramático, a Arte Norte-Riograndense. Jesiel é, hoje, o melhor, o mais competente, o mais destacado dos alunos de Clarice Palma. Aceitou a convocação e veio aqui, com o entusiasmo de Homem de Teatro, colaborar na homenagem oportuníssima, vamos reconhecer, porque é definitiva, talvez mais definitiva do que uma Cadeira em nossa Academia, dos seus colegas funcionários do Tribunal Regional Eleitoral, imediatamente encampada pela figura profundamente humana e sensível de Marcos Maranhão e pela Superintendência desta Casa de Espetáculos, porque de outra maneira eu não me entenderia como seu Superintendente, se não oferecesse a colaboração que me foi pedida, para a homenagear como ela merece, como ela precisava ser homenageada dentro de sua terra e dentro de sua própria Casa.

Era isso, minhas Senhoras e meus Senhores, o que eu desejava dizer, a respeito de Clarice Palma, que foi, sem dúvida alguma, grande Atriz, extraordinária Atriz, uma das maiores que tivemos na Cena Norte-Riograndense! Ainda hoje, eu considero Clarice Palma a Atriz de maior potencial dramático que nós possuímos! E outra coisa: — de uma memória excelente, apesar dos seus 70 anos. Hoje mesmo Jesiel Figueiredo me dizia que estava **assombrado**, não só com a memória de Clarice, mas, também, com a sua ainda espantosa energia! Não há dúvida — aqueles que se dedicam ao Teatro, que se destinam ao Teatro e morrem atuando em Teatro, morrem com energia, morrem moços, porque o Teatro rejuvenesce, o Teatro engrandece, o Teatro enobrece. Eu quero, Clarice, na qualidade de Superintendente do Teatro Alberto Maranhão, fazer a você, não somente a homenagem desta Placa, que os seus colegas do Tribunal Regional Eleitoral e outros oferecem, mas uma homenagem maior. Marcos Maranhão me tocou a sensibilidade, no seu discurso, quando invocou o nome do pai, de quem eu fui amigo pessoal, com muita honra para mim, e que, como Prefeito desta Cidade do Natal, muito fez pelo soerguimento teatral do Rio Grande do Norte e em favor desta Casa. Eu gostaria, Clarice, de convidar, pedindo perdão às Autoridades presentes, porque o Cerimonial Público talvez não o permita, mas, há momentos em que se deve fugir do protocolo, para fazer justiça; eu queria convidar uma colega sua, uma amiga sua, para, juntamente com a viúva do Ex-Prefeito Djalma Maranhão, sua amiga também, considerar a Placa inaugurada. Assim, convido D. Elza de Miranda Freire, viúva do Senador Jessé Pinto Freire, e a Sra. Dária Maranhão, para descerrá-la, inaugurando-a nesta Casa.

IMPROVISO DE AGRADECIMENTO DA ATRIZ E POETISA CLARICE PALMA

Dignas Autoridades Cíveis e Militares, Ilustre Superintendente Geral desta Casa, Teatrólogo Meira Pires, meus colegas do Tribunal e meus amigos: — Entre todas as emoções que a vida me ofereceu até hoje, nenhuma abalou, com tanta violência, as cordas delicadas da minha sensibilidade, como esta, que estou sentindo agora, pela grande homenagem dos meus queridos colegas do Tribunal Eleitoral, que recebeu a solidariedade total dos meus amigos, e também pela palavra inteligente e cativante destes dois perfeitos Oradores, meu grande amigo, Teatrólogo Meira Pires, digno Superintendente Geral deste Teatro, e Dr. Marcos Maranhão, Diretor do Setor Jurídico do DETRAN. É muito forte, meus amigos, é fortíssima a emoção em que me encontro! Tão forte, que eu não me sinto com capacidade para externar, exatamente, o que se está passando aqui dentro, nesta hora! A aposição de uma Placa, com o meu nome tão simples, na parede desta Casa, que eu sempre chamo de MINHA CASA, perto de nomes fulgurantes no cenário Teatral do Brasil e fora dele, como Bibi e Procópio Ferreira, e de nomes Ilustres na Sociedade e na Política do Estado, é um gesto de muita bondade e o presente mais caro que recebi na vida! Eu contei: — há 25.629 dias que eu moro aqui na terra! A princípio, habitei um Ninho Dourado, forrado de Amor, sob o Infinito Luminoso do olhar sagrado de minha mãe e de meu pai; e eu fui muito feliz! Depois, na puberdade, me mudei para um Castelo de Quiméras, onde sonhei demais, porém os alicerces eram frágeis e a Ventania da Realidade o destruiu! Ao relento, sentindo no corpo a aragem macia do meu eterno Idealismo,

segurei, com todas as forças, o Manto Imenso e Sublime da Arte de Talma e, nele envolvida, penetrei neste Templo, onde me abriguei. Aqui, eu recebi aplausos, pela grande Glória de interpretar belas inspirações de inteligências férteis, tanto como as de um Ibsen, de um O'Neill, de um Fornari, de um Pirandello, de uma Agath Christie, como de um Paulo Magalhães, de um Hermógenes Viana, Amaral Gurgel, José Wanderley, Jaime Wanderley e tantos outros autores brasileiros. Aqui, eu dei tudo de mim, do meu coração, da minha alma, pelo engrandecimento do Teatro no Rio Grande do Norte! Daqui saíram, não feitos por mim, porque não se faz um talento, mas guiados os primeiros passos no Salão Imenso da Arte Cênica e burilados, por estas mãos, hoje enrugadas pelo tempo, grandes e conscienciosos atores, como Edson Guimarães, hoje no Sul do País, trabalhando ao lado de Paulo Autran, Tônia Carrero, Bibi Ferreira e outros; como Carlos Petrovich, atualmente Diretor de Arte Dramática, em Brasília; como Lourdinha Teixeira, hoje grande Atriz da TV-Universitária, e como o conhecido Ator Jesiel Figueiredo, o meu orgulho maior, não apenas pela capacidade de interpretação, pelo talento próprio, que me demonstrou, desde os primeiros ensinamentos que lhe dei, mas, também, pela coragem de ainda lutar pelo soerguimento do Teatro Potiguar, num trabalho lindo de levar às criancinhas o gosto pela Arte mais completa, em espetáculos infantis, toda semana! Aqui, meus amigos, eu tive as minhas noites luminosas, mas, aqui, também, eu provei o amargo escuro de uma decepção afetiva, porque aqui, também, eu amei demais! E em cada parede, em cada banco do jardim desta Casa, no Proscênio, nas Coxias, nos camarins, há uma página da minha vida, pregada pela Mão da Saudade! E, ao revê-las, eu tenho saudade daquela moça de cabelos castanhos-escuros, magra, elegante, Estrela a brilhar no Céu Azul do seu Idealismo! Eu tenho saudade daquela moça altiva, corajosa, que enfrentava todos os obstáculos, sem medo, vencendo sempre! daquela moça que teve a coragem de encenar, com o seu elenco próprio, dirigindo e interpretando, peças de alta montagem, como "LOUCURAS DO IMPERADOR", de Paulo Magalhães, "VENTO SUL" e "INFIDELIDADE", de Orlando Lessa, "TESTEMUNHA DA ACUSAÇÃO", de Agath Christie, "O HOMEM DA FLOR NA BOCA", de Pirandello e tantas outras grandes peças de difícil montagem. Eu tenho saudade daquela moça, que, apesar dos negros presságios dos adversários e da própria Imprensa local, teve a ousadia de, num Festival de Teatro em Recife, levar o Rio Grande do Norte, representado pelo seu "CLUBE DOS 7" e sob sua total Direção, a competir com mais três Estados — Ceará, Paraíba e Pernambuco —, voltando num euforismo inédito e empunhando a

Taça Vitoriosa de um Primeiro Lugar! Eu tenho saudade daquela moça, que era eu! Meus colegas do Tribunal Eleitoral, com a alma de joelhos e os olhos voltados para o alto, eu agradeço a Deus por lhes ter posto no cérebro a idéia, unanimemente aceita pelos meus amigos, de me immortalizarem nesta Casa. Agora, sim; agora, eu estou feliz! Porque, não me bastava a honra de ser Delegada, aqui no Rio Grande do Norte, do “MOVIMENTO POÉTICO NACIONAL”, Entidade Cultural com sede em São Paulo; não me bastava pertencer a tantas outras Entidades de Cultura, às quais pertencço, no Brasil e fora dele! Eu queria, eu sonhava com a minha Imortalidade na terra que me viu nascer! E agora, sim; agora, os meus colegas e meus amigos me immortalizaram, não somente na terra que me viu nascer, mas, no berço macio, que sentiu, que balançou, que acalentou os meus primeiros sonhos de Artista! E eu agradeço a todos, muito mesmo. E digo e repito, numa forte emoção: — Agora, sim, eu estou immortalizada e nada mais me interessa! Porque, desde que o Sol começou a dourar as nuvens e se afastar, depois, dando lugar às Estrelas, e voltar, no outro dia, e durante todo esse constante movimento dos Astros, eu estarei aqui, immortalizada, diante dos Amantes do Teatro, diante dos amantes da Arte, da Cultura, enfim; Imortalizada, sem que haja necessidade de se procurar, em arquivos, a minha Imortalidade! Eu estarei aqui, para sempre, e isto não posso esquecer, porque me faz feliz e realizada! Eu tenho um agradecimento muito sincero a fazer ao meu querido amigo, Teatrólogo Meira Pires, Digno Superintendente Geral desta Casa, pelo entusiasmo das palavras, pelo apoio total, pela satisfação com que preparou esta Homenagem, juntamente com o meu ex-aluno, o Ator Jesiel Figueiredo, e ao amigo Dr. Marcos Maranhão, pelas bondosas referências à minha simples pessoa, na sua bonita saudação. E agradeço a todos os presentes, com forte emoção. Mas, eu tenho um agradecimento muito Especial a fazer, ao meu Amigo Maior; àquele que, eu penso, eu creio, está também aqui entre nós, nesta noite, feliz e orgulhoso — Meu Pai! Porque dele eu herdei o Teatro, dele eu herdei a Poesia e, se não fosse esta Herança Sagrada, se não fosse esta Bendita Herança da Arte Teatral, eu não estaria hoje Imortalizada, na Casa que tem o nome do meu primo e do meu Padrinho ALBERTO MARANHÃO!

Meus amigos, dentro desta inédita emoção, eu não consigo mais falar, porque não sei, na verdade, o que posso dizer, além desta frase, ditada pelo meu cansado e trêmulo coração: — Agradecida, muito agradecida, mesmo!

**CARTA DE SOLIDARIEDADE, DA EX-ATRIZ E
EX-INTEGRANTE DO "TEATRO DE AMADORES DE
PERNAMBUCO", DENISE ALBUQUERQUE, hoje, Sra.
DENISE ALBUQUERQUE CORREIA DA SILVA:**

Clarice,

Estou sabendo da Grande Homenagem que o povo de nossa terra te vai prestar, apondo, na parede do Teatro "ALBERTO MARANHÃO", uma Placa alusiva à tua pessoa, como Atriz e como Poetisa. E, solidária com essa justa manifestação de reconhecimento ao teu constante trabalho em prol da Arte Cênica, eu me manifesto, também, com orgulho e satisfação! Não vou fazer uma mini biografia de ti. Somos amigas, quase irmãs, desde crianças. Lembro os nossos teatros, os teus versinhos gaiatos, os teus sonhos e as tuas lágrimas. Sempre tiveste a Poesia e a Arte em teu sangue, mesmo quando ainda não sabias rimar um verso. E sei (e como sei!) a forma como soubeste superar os espinhos que encontraste pela vida. Sempre foste Poetisa — tinhas no sangue a herança do teu pai e já prometias chegar até onde hoje estás, como Poetisa e como Atriz. A Poesia e a Arte já nasceram contigo e posso te dizer, com segurança, lembrando o teu soneto "SONHO SEM LUZ!": — Não, Clarice, a Luz dos teus sonhos não se apagou em ti! Tiveste o privilégio de saber espalhá-los ao teu redor, como as "ROSAS RUBRAS DO AMOR", que não morrem, nunca! Tenho a certeza, conhecendo-te, como te conheço, de que, quando chegar a hora, aquela hora de que ninguém pode fugir, hás de sair Gloriosa e Bela, espalhando por este vasto Proscênio, onde tanto brilhaste, "A LUZ DO TEU SONHO, EM ROSAS MERGULHADO!" E, como o velho Jacarandá, que, "rijo, rangendo, rue no remanso da mata", serás eterna, entre os que fizeram Poesia e Arte, em nossa terra.

(as.) Denise. Recife-junho-1981:

TRÊS SONETOS DA ATRIZ-POETISA, CLARICE PALMA

SONHO SEM LUZ!

Durante a Juventude, eu via a minha vida
qual imenso Proscênio, em Rosas mergulhado...
Rosas Rubras de Amor, onde, então, colorida,
a minh'alma dançava um alegre bailado!

A orquestra era o som da folhagem caída,
pelo impulso da brisa, sobre o chão dourado
do meu Sonho de Luz, da Luz, que, refletida
nos meus olhos, me dava um prazer renovado!

Porém, nesta velhice, a minha Vida eu vejo
qual imenso Proscênio, onde, após um Festejo,
tudo é calmo, é escuro, é silêncio sem fim!

E minh'alma, parada, no Proscênio imenso,
procura a Festa Rubra, enquanto, triste, eu penso:
— Toda a Luz do meu Sonho se apagou em mim!

PLATÉIA DA VIDA

Levanta-se a cortina, em meu Palco dourado,
e eu, a interpretar, num misto de ironia
e sofrimento atroz, o papel confiado
por esse Diretor, que o saber irradia!

O meu texto é imenso e, todo decorado,
não o posso trazer; tem que ser, cada dia,
dessa Tragi-Comédia, um ato apresentado
à Platéia infernal, inconsciente e fria!

É a Platéia da Vida, que me escuta, rindo,
quer seja a minha cena de sofrer infindo,
quer seja a minha cena de final florido!

Contracenando, então, com Judas e Palhaços,
neste Teatro imenso aplaudem-se os fracassos,
sorrindo, com desdém, de um desfecho querido!

UM PEDAÇO DE MIM!

— À minha querida Filha adotiva, Therezinha S. Palma

Nada tenho na Vida, além de um'alma plena
desses focos de Luz, vindos da Fantasia
que me inspira e me leva à Ventura serena,
do meu Mundo de Paz, qual toque de magia!

Nada tenho na Vida, além desta pequena
parcela de esperança, em forma de Poesia,
que espalho, sorridente, sobre a ânsia amena
de ver brotar, na Terra, o Amor, como eu queria!

Nada tenho na Vida, além deste desejo
de ouvir, nos corações, desse Amor o harpejo,
claro, forte e seguro, como um Sol que brilha!

Mas, ainda me resta uma doce Certeza
— essa Jóia tão cara, essa Grande Riqueza,
o pedaço de mim, que eu vejo em minha Filha!

